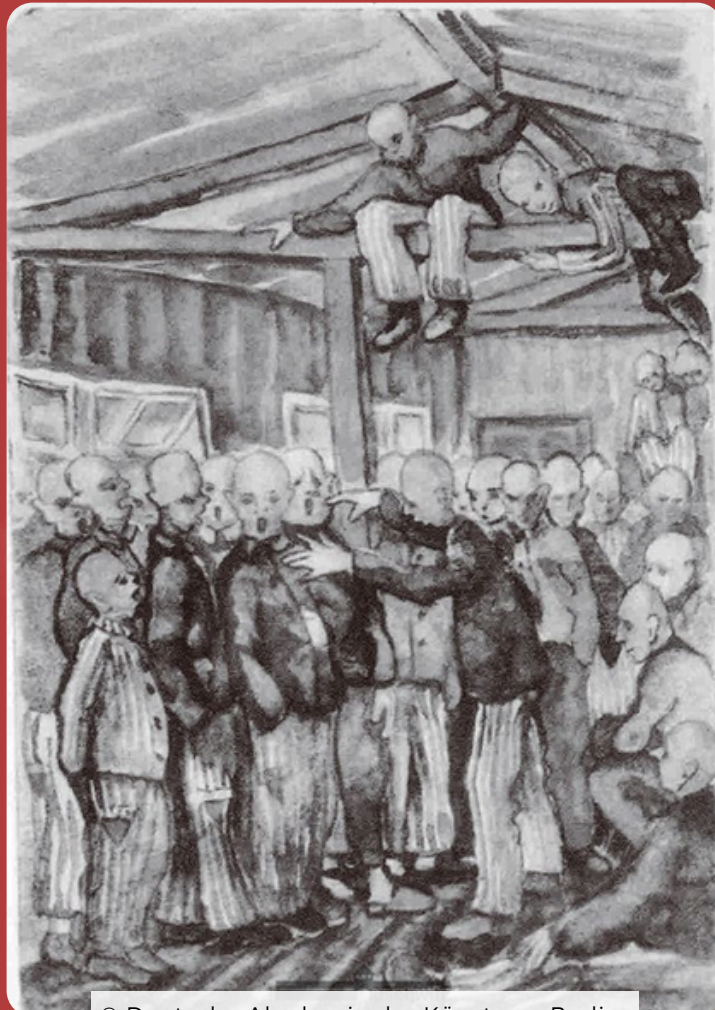


No mês em que se comemora o Natal, recordamos o impressionante testemunho do sacerdote beneditino **Gregor Schwake**, prisioneiro em Dachau entre 1944-45. Imaginemos o que foi viver esta celebração no “bloco dos padres” de Dachau.

“Canto de Natal das Nações.

A cerimónia de música sacra que tive o privilégio de presenciar foi o «Canto de Natal das Nações». Na capela repleta, primeiro os italianos, depois os holandeses e, por fim, os luxemburgueses cantaram uma canção natalícia. Seguiu-se um coro francês muito animado, que entoou um cântico polifónico de Natal. Seguiram-se os coros checo e alemão. No entanto, o que mais ficou gravado na minha memória foi o coro polifónico polaco de Natal, que tinha a forma de uma polonesa [dança de ritmo sincopado, originária da Polónia] esplendidamente estilizada.”

Retratando uma situação semelhante, **Vladimir Matejka** registou em desenho uma noite de canções pelo coro checo em Dachau (1942).



Os estudos sobre a música nos campos de concentração são de grande importância para a compreensão do ambiente vivido dentro destes espaços de horror. A música foi uma componente permanente na vida cotidiana do campo, como instrumento de tirania ou poder das SS, que usavam a música para atormentar deliberadamente os prisioneiros. Em Dachau, a partir de 1941, havia um «grupo musical oficial do campo». Este apresentava-se, sob coação, em concertos de fim de semana, mas também durante a aplicação de tortura. Nos campos, era comum forçar os prisioneiros a cantar, enquanto marchavam ou trabalhavam.



[No desenho do prisioneiro Mieczysław Koscielniak, assinalamos a orquestra em Auschwitz a ser dirigida por um prisioneiro. *Marchando para o Trabalho*, 1950 © M. Koscielniak]

A música foi, igualmente, um sinal de resistência ou luta pela sobrevivência. Os prisioneiros participavam em atividades musicais em segredo. Em Dachau, havia uma orquestra ilegal de prisioneiros já em 1938, como se constata no seguinte relato:

“Se conseguimos... ganhar com essa música do campo a estranha hora de despreocupação e esquecimento para aqueles enterrados vivos atrás da cerca de arame farpado, então mesmo a mais modesta realização artística foi um grande feito nas circunstâncias improváveis do campo. A música era recebida com aplausos estrondosos pelos milhares que não só enchiam os banhos, mas também a área em frente a eles. Era o aplauso mais agradecido e sincero que os músicos já receberam.” [Relato de Rudolf Kalmar (de 1938 a 1945 no campo de Dachau) sobre um concerto nos banhos dos prisioneiros, 1946]

No final de 1940, chegaram a Dachau religiosos cristãos: no total 2579, entre padres, seminaristas e frades católicos, juntamente com 141 pastores protestantes e padres ortodoxos, a maioria polacos, os restantes alemães, austríacos, franceses, checos, belgas, holandeses, luxemburgueses e italianos. O clero cristão desempenhou um papel importante na manutenção das atividades musicais, após o comandante do campo conceder permissão para celebrar missas ou realizar serviços religiosos. O padre beneditino Gregor Schwake foi uma figura fundamental na criação da estrutura musical para o culto. Para esse fim, compôs várias obras sacras, incluindo a **Missa de Dachau**, para Coro Masculino e Metais, estreada secretamente no Bloco dos Padres, a 24 de setembro de 1944.

Outros cultos religiosos eram realizados em segredo no interior dos blocos, quer por judeus ou testemunhas de Jeová, adorando e fortalecendo a sua fé, através da oração e da música sacra.

Fontes: Exposição do Museu do Campo de Concentração de Dachau e *Music in Concentration Camps 1933–1945* de Guido Fackler.



Assinalam-se em dezembro diversos acontecimentos dignos de atenção, que pode consultar [aqui](#). De entre eles, destacamos o seguinte, que desenvolvemos.

7 de dezembro de 1941

— Adolf Hitler assinou o decreto secreto "**Noite e Neblina**" que autorizava o sequestro de qualquer pessoa que "ameaçasse a segurança alemã", nos territórios ocupados. Aqueles que resistissem ao regime nazi deviam ser detidos e deportados secretamente para os campos de concentração na Alemanha. Eram prisioneiros marcados com um duplo N nos uniformes. Hitler acreditava que as longas condenações à prisão já não serviam como dissuasão, daí aplicar os desaparecimentos forçados em massa. Como tática de intimidação e medo, os detidos desapareciam e as famílias e as comunidades não eram informadas sobre o seu destino. A definição de "noite e neblina" indicava o cancelamento de um ser humano da comunidade, sem pré-aviso nem explicação.

A pessoa desaparecia de noite, no mais absoluto segredo – judeus, padres, antissociais, comunistas – condenado à morte e ao esquecimento. O objetivo declarado era intimidar e controlar as populações locais, cultivando a indiferença coletiva em relação ao destino alheio. Em 1945, os registos encontrados assinalavam apenas nomes e as iniciais "NN" (*Nacht und Nebel*). Havia uma expressão para aqueles que "desapareciam" de acordo com o decreto: eram *vernebelt* – transformados em nevoeiro/neblina.

Atualmente, o "Noite e Neblina" é reconhecido como a origem do conceito de desaparecimento forçado, e classificado pela ONU, como crime contra a humanidade.

CULTURA E TRADIÇÃO JUDAICA



De **14 a 22 de dezembro de 2025**, decorre a celebração judaica de Hanucá, ou Festa das Luzes. Esta celebração dura oito dias e é uma data móvel, de acordo com o calendário judaico, que se baseia na Lua. O Hanucá comemora a sobrevivência da cultura e religião judaicas, ameaçadas pelo domínio greco-sírio de Antíoco Epifânio, no ano 168 a.

O rei Antíoco Epifânio governou a Judeia com mão de ferro, obrigando os hebreus a seguir a antiga religião grega e massacrando os que se rebelavam e tentavam praticar a sua religião. O Grande Templo de Jerusalém foi profanado e convertido num templo em honra de Zeus. Para combater esta ordem, alguns judeus construíram um novo altar no templo. A palavra "*hanouka*" simboliza este ato de resistência, significando "inauguração". Quando tentaram acender a Menorá, só conseguiram recuperar um frasco de azeite, uma quantidade demasiado pequena para poder manter o candelabro aceso permanentemente, segundo a tradição. O azeite precisava de oito dias para ser fabricado. No entanto, o milagre aconteceu: durante esses oito dias, o frasco de azeite foi suficiente, ao contrário de todas as expectativas.

Para comemorar o milagre ligado a este acontecimento, todas as noites, ao cair da noite, os judeus acendem uma das velas da menorá, começando pela da direita. Durante esta celebração, é também habitual participar em cânticos e bênçãos e reunir-se à volta de pratos fritos. Outra tradição é brincar com um pião de quatro lados, que contém símbolos que formam a frase "nes gadol haya sham", que significa "um grande milagre aconteceu ali".



ACONTECEU RECENTEMENTE

9 novembro – O programa **Caminhos** da RTP2 dedicou um episódio ao **Museu Aristides de Sousa Mendes**. Pelo seu interesse, aconselhamos que assista [aqui](#).



13, 14 e 15 de novembro – Realizou-se no Liceu Francês Charles Lepierre, em Lisboa, um curso de formação de professores, intitulado **Holocausto e Atrocidades em Massa: História, Educação e Cidadania**, numa parceria entre o Mémorial de la Shoah (Paris), Memoshoá e Associação de Professores de História (APH). Para além de conferências históricas, o programa incluiu *workshops* e uma visita à sinagoga de Lisboa, Sinagoga Shaaré Tikva.



22 de novembro – O **Prémio Memoshoá de Investigação Yvette Davidoff** teve como vencedor desta 2ª edição o trabalho de **António Pedro Barreiro**, “**A flor e o fogo: o grupo *Weißer Rose* e o papel das consciências na resistência ao nazismo**”. O Prémio, que contou com o apoio da CIL (Comunidade Israelita de Lisboa), foi apresentado por Esther Mucznik e Margarida Ramalho na Livraria-Galeria Municipal Verney, em Oeiras, onde se realçou a qualidade da escrita e a reflexão sobre o tema investigado. Na sua apresentação, o autor refletiu acerca dos valores subjacentes à ação do grupo *Weißer Rose*. Para além da diretora da Livraria-Galeria Municipal Verney, Maria José Rijo, e do Vereador da Educação da CMO, Pedro Patacho, estiveram presentes familiares e amigos do laureado, assim como elementos da Memoshoá, numa sessão bastante enriquecedora para todos.

26 de novembro – Realizou-se *online*, para os professores que frequentaram o seminário **The Holocaust as a Starting Point – Espanha-Portugal**, de março passado na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, a sessão *Learning Activity*, subordinada ao tema **Rotas de fuga de judeus através de Espanha e Portugal**. É uma atividade prática, preparada para ser aplicada em sala de aula, que trata os casos de 3 refugiados judeus em fuga pelos Pirenéus: Susan Warsinger, Michel Margosis e Stefan Rozenfeld. Esta atividade, assim como as anteriores, pode ser consultada no *site* da Memoshoá.



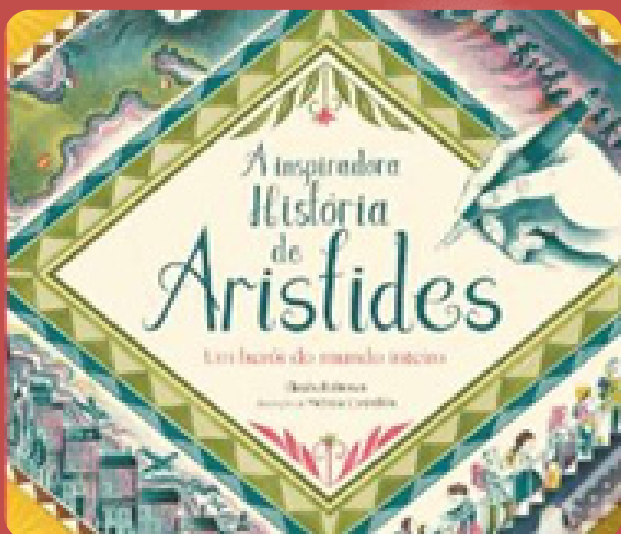


29 de novembro – Com o apoio da **embaixada da Polónia**, e na presença da Chefe de Missão da mesma, Dra Dorota Baryś, realizou-se na **Escola Secundária da Quinta do Marquês**, em Oeiras, uma visita interativa a **Auschwitz-Birkenau** através da aplicação **Auschwitz in Front of Your Eyes**. Alunos, professores e convidados tiveram a oportunidade de visitar Auschwitz em tempo real, conduzidos por uma guia do **Museu de Auschwitz**. Os presentes entraram, assim, em vários espaços do campo, incluindo alguns que não estão disponíveis ao público em visitas presenciais, como o Bloco 2, não preservado, onde estiveram os primeiros prisioneiros do campo, ou o Bloco 10, dedicado às experiências médicas. A atividade foi organizada pelo Projeto Memoshoá desta escola.

– No mesmo dia, pelas 18h30, teve lugar *online* a **Assembleia Geral** extraordinária da **Memoshoá**, onde foi aprovado o Regulamento Interno da Associação, que pode ser consultado no *site* da Memoshoá.



BREVES



Divulgámos, na *newsletter* anterior, a recente publicação nos EUA do livro infantil *The World Entire – A True Story of an Extraordinary World War II Rescue*, escrito por Elizabeth Brown com ilustração de Melissa Castrillón. A obra retrata a ação de Aristides de Sousa Mendes no resgate de refugiados das perseguições nazis. Entretanto, esta obra, aconselhada para maiores de 7 anos, já se encontra publicada em português pela Nuvem de Letras, com o título **A Inspiradora História de Aristides. Um herói do mundo inteiro.**

Canção de Dachau

Dachau mentiu:

"O Trabalho Liberta"

I.

Arame farpado carregado de morte
Estende-se ao redor do nosso mundo.
Sobre ele, o céu impiedoso
Envia geada e sol escaldante.
Longe de nós estão todas as alegrias,
Longe está o lar, longe estão as mulheres.
Quando caminhamos silenciosamente para o trabalho,
Milhares ao amanhecer.

CORO

Mas aprendemos o lema de Dachau,
E, com ele, nos tornamos duros como aço.
Mantem-te humano, camarada.
Sê homem, camarada.
Faz um bom trabalho, trabalha duro, camarada,
Pois o trabalho te libertará!

[...]

III.

Levanta a pedra e puxa a carroça,
Nenhum fardo é pesado demais para ti.
Aquele que eras até há pouco tempo,
Já não é há muito tempo.
Crava a pá profundamente na terra,
Enterra a tua compaixão bem fundo,
E, com o teu próprio suor, torna-te
Aço e pedra.

[...]

[tradução adaptada]

Sobrevivente do Holocausto, maestro e compositor, **Herbert Zipper**, em setembro de 1938 compôs a "**Canção de Dachau**" com o poeta Jura Soyfer, que escreveu a letra, enquanto estavam internados neste campo. A canção permaneceu em Dachau através da tradição oral e espalhou-se também para outros campos de concentração como um hino de resistência. Ouça [aqui](#) uma versão da "Canção de Dachau".

Como informámos anteriormente, a Assembleia Geral decidiu aumentar a quota anual, visto que o seu valor permanecia inalterado desde 2009, data da fundação da Associação. Assim, o **valor anual da quota em 2026 passará para 40€**.

A partir de janeiro, poderá fazer o pagamento da quota através de transferência bancária para a conta da Memoshóá: CGD, IBAN PT50003505100003640103037. O comprovativo de pagamento deve ser enviado a/c Fernanda Matias para memoshoa.socios@gmail.com.

A Memoshóá deseja a todos os Sócios e Amigos Boas Festas e um Excelente 2026!

Ficha Técnica

Edição: Memoshóá

Coordenação: Esther Mucznik

Pesquisa, conceção e produção: Fernanda Matias e Luísa Godinho

Design e apoio web: Carolina Leitão